

*Pé contra pé.* Na manhã em que machucou o dedão do pé direito no pé do criado-mudo, o bibliotecário-chefe, ainda atordoado pelo sono, pela raiva e pela dor, não notou que haviam pichado a parede em frente à biblioteca. Ele chegou mancando ao trabalho, preocupado mais com uma de suas extremidades inferiores do que com certas superfícies maculadas.

As quatro letras brancas sobre o fundo fuliginoso tinham dois metros de altura, mesmo assim ele não reparou.

Só à tardinha foi que o bibliotecário deu de cara com essa palavra de ordem, com essa palavra-desordem ostensiva e diabolicamente gritada na parede suja. Na parede violentada. Na parede que de certo modo também era sua.

Lá estava o palavrão:

Mas *luta* por quê? Onde? Contra quem?  
Luta armada, luta racial, luta econômica?  
Espiritual? Cultural? Da esquerda com a direita?  
Dos instintos com a razão?

Na manhã seguinte, a pouca distância da primeira palavra, a segunda, também em letras atrevidas:

### AÇÃO

*Luta e ação*, que gracinha, resmungou o bibliotecário.

A caligrafia era a mesma. Mas não havia assinatura. Nenhum grupo, nenhuma gangue, nenhum partido assumia o atentado contra o musgo e as rachaduras da parede antiga.

Na terceira manhã a situação começou a ficar sombria.

### MAL

Por que *mal*? Por que não *bem*, *beleza*, *vitória*? Por que algo tão negativo? Por que não protestar e gritar por dignidade, poesia, honra?

O fato estranho foi a ausência de vultos e vadios na madrugada silenciosa.

O vigia que o bibliotecário havia destacado para ficar de olho na rua estreita jurou que ninguém tinha aparecido no local durante toda a noite. Nem pichadores, nem vândalos, nem encenqueiros, nem pacatos cidadãos. Ninguém. Eu juro, seu Fred.

Seu Fred é o caralho. Pra você é “seu Frederico”. Você caiu no sono, apostado, seu imprestável.

Não caí, não, eu juro que não fechei o olho, seu Frederico.

Sai da minha frente antes que eu te arranque uma orelha. Hoje à noite quero você de novo vigiando essa parede. Se amanhã de manhã eu vir mais uma letra, umazinha que for, eu arranco teus olhos.

Nas manhãs seguintes *luta* virou *absoluta e ação, vocação*.

O vigia não teve coragem de encarar o bibliotecário. Preferiu faltar a semana inteira, alegando doença.

Assim foi, letra por letra, pincelada por pincelada. Até a manhã em que a frase se completou e as pichações pararam:

#### TEMOS ABSOLUTA VOCAÇÃO PARA O MAL

A partir desse dia o problema mudou de rosto.

A partir desse dia o problema passou a ser os livros, as bibliotecas e em certa medida os bibliotecários.